ESPAÇO E LESBOFOBIA NA CIDADE DE PONTA GROSSA, PARANÁ

Raissa Lizieri Leite Mellado (PIBIC/Fundação Araucária/UEPG), Marcio Jose Ornat (Orientador), e-mail: geogenero@gmail.com.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Geociências

Área: 7.06.00.00-7**; subárea:** 7.06.01.00-3

Palavras-chave: Corpo; Espaço; Geografia Feminista; Lésbica; Lesbofobia.

Resumo

Esta iniciação científica visa compreender como a lesbofobia acontece no espaço urbano de Ponta Grossa, Paraná. A análise de dados se dá por meio de entrevistas semiestruturadas com mulheres lésbicas residentes da cidade focal, a partir da metodologia de análise de discurso de Bardin (1977). Com este estudo pretendemos entender como, onde e por quem se dá a lesbofobia em tal cidade e quais são as estratégias para resistir a essa opressão dupla, pois segundo Leonel (2011), lesbofobia é uma intersecção de machismo com homofobia.

Introdução

Entendemos por lesbofobia como manifestações homofóbicas misturadas com atitudes sexistas (LEONEL, 2011). Estas ações de violência orientadas à lésbicas não ocorre em um vazio, mas sim são compostas por aquilo que Massey (2008) compreende por espaço, sendo um produto de inter-relações múltiplas e que está em constante evolução, logo, relações carregadas com atitudes lesbofóbicas tornam um determinado espaço lesbofóbico. A lesbofobia pode ocorrer como governamental, sociocultural, violência extrema, sutil e internalizada.

A sociedade e os espaços são heteronormativos, invisibilizando a multiplicidade de corpos, que só aparecem quando tencionam esse tecido heteronormativo. Esses espaços são resultados da inter-relação e multiplicidade presente, além de ser diferente segundo as pessoas presentes, que implica que elas podem ser privilegiadas ou oprimidas variando o momento socio-espacial. Assim, mostra-se necessário estudar tais grupos de forma interseccional. (MASSEY, 2008; VALENTINE, 1999).

Materiais e Métodos

Nosso referencial empírico está relacionado a realização de 7 entrevistas semi estruturadas com mulheres que se autoidentificam como lésbicas. Todo o volume de fala resultou em 5 horas de conversação que foram transcritas e sistematizadas a partir da análise de conteúdo. Tal metodologia está relacionada a localização de momentos de fala, denominadas de evocações, e a classificação destas mesmas evocações segundo espacialidades discursivas, falas que tratavam de acontecimentos ocorridos em espacialidades específicas ou tratavam das próprias espacialidades, e suas consequentes categorias discursivas.

Resultados e Discussão

As espacialidades discutidas são a casa, o corpo, a cidade, a universidade, a escola, o espaço político, as casas noturnas, a universidades, os espaço religioso e

as clínicas.

A maior incidência de lesbofobia nos espaços domésticos ocorre onde as entrevistadas foram criadas. Quem as pratica são o pai com gestos violentos, a mãe com discursos violentos, os irmãos têm fala e ações violentas, podendo fetichizar a sexualidade dissidente da irmã. Há um certo isolamento e um discurso religioso cristão presente ao referir-se da família geral. Devido a isso, todas as entrevistadas almejam morar sozinhas, e quando o fazem se sentem seguras das violências machistas e lesbofóbicas.

As entrevistadas consideram a cidade de Ponta Grossa majoritariamente conservadora e, consequentemente, lesbofóbica. Por questões de gênero acrescidas a sexualidade, surgem restrições em determinadas ruas e horários. Isso se mostrou presente no cotidiano das entrevistadas. O centro da cidade e nos *campi* UEPG o conservadorismo da população que os frequenta é mais sutil. Já nos bairros mais afastados do centro, nos transportes públicos e no período da noite é mais perceptível o conservadorismo, as deixando desconfortáveis com suas presenças e limitando seus corpos. Isso se dá devido ao machismo e a homofobia da sociedade, que as faz temer ser violentadas.

A sociedade geral classifica as mulheres de duas formas segundo os estereótipos: as femininas como heterossexuais, as masculinas como lésbicas. Dessa forma, as que têm traços de feminilidade têm suas vivências sexuais invisibilizadas pela sociedade.

Praticamente todas as entrevistadas quando perguntadas o que é lesbofobia consideram que é a violência independente da escala. Porém, elas só entendem como agressão quando esta é mais grave, pois estão tão insensibilizadas com as notícias de violência, não apenas LGBTfóbica, mas também machistas. Bourdieu (2012) caracteriza a violência simbólica como uma violência sistemática à um grupo, que se passa por natural, que é fruto de uma sociedade e seus *habitus.* Essa violência não é perceptível sequer a quem a sofre. Isso se dá pela insensível familiarização com um mundo permeado pelas estruturas de dominação.

Nas universidades a lesbofobia ocorre diferentemente, variando segundo as grandes áreas do conhecimento. Nos cursos das humanidades onde discute feminismo e pautas pró-LGBT, esse preconceito é mais velado. Nos que não discutem estas temáticas, o preconceito é mais escancarado. Apesar dessas diferenças, a UEPG é um dos espaços menos lesbofóbicos da cidade, devido essas discussões como um todo.

Na espacialidade escolar, ainda na infância, várias das entrevistadas que não começara o processo de reconhecimento da sexualidade e tentavam se adaptar a norma neutra: fazer comentários positivos acerca da aparência dos colegas meninos, forçava – seja por elas, seja pelos responsáveis – feminilidade para ser incluídas e aceitas nas relações de amizade. Se elas tinham quaisquer trejeitos fora da norma como ser gorda, jogar futebol, usar roupas ditas masculinas, etc, elas sofriam *bullying* e eram rejeitadas de alguma forma. Elas lidavam internamente com estratégias do armário, em se mostrar ou não lésbicas, para assim tentar protegerem-se de ataques lesbofóbicos (SEDGWICK, 2007).

É comum que mulheres lésbicas sintam-se invisibilizadas dentro de seus próprios movimentos políticos, seja o feminista, seja o pró-LGBT, devido o desconhecimento de que só por uma pessoa sofrer determinada opressão, não significa que ela não pode oprimir outrem. Além disso, essa invisibilização se dá por considerar de que a homofobia é capaz de englobar todas as opressões da sigla.

Por isso, é necessário fazer recortes em todos os coletivos que visam um futuro mais igualitário.

Em 2017 houve a 1º Marcha da Visibilidade Lésbica de Ponta Grossa. Suas participantes sentiram-se orgulhosas de estarem ali. Porém, houve pessoas do entorno que reagiram negativamente à manifestação, com olhares de reprovação. Além disso, houve também um homem sem camisa que assediava sexualmente casais lesboafetivos. Um dos ocorridos mais marcantes na marcha foi de um homem que dirigia uma caminhonete e tentou intervir na marcha, quase atropelando as participantes.

A presença de lésbica em casas noturnas dedicadas ao público geral é extremamente invisibilizante e fetichizante, ao contrário de casais de homens gays, que quando trocam carícias são tratados com agressividade podendo ser expulsos do local. As mulheres lésbicas não o são, pois são vistas como espetáculos pornográficos de forma a agradar olhares. Isso é muito motivado pela questão falocêntrica, que se não há pênis na relação afetivo sexual. Portato, esta não é uma relação válida.

A rua tem potencial de ser um dos lugares mais desconfortáveis para as mulheres lésbicas, pois além de já sofrerem assédio sexual por serem mulheres, essa agressão é seguida por gritos lesbofóbicos. Foi relatado por Crist sobre um caso que sofreu com sua namorada durante a noite, em que 2 homens as chamaram de sapatão e seguiram elas, que ficaram com medo de sofrer estupro corretivo, que como Leonel (2011) descreve, é um tipo de abuso sexual com o intuito de “ensinar” as lésbicas a voltarem à norma, ou seja, a “aprenderem a ser mulheres de verdade” e então, se atraírem por homens.

A vivência de todas as entrevistadas são marcadas pelo medo do machismo e da lesbofobia, fazendo-as regular suas carícias e estarem sempre alertas para o caso de haver alguma manifestação suspeita.

Sobre a questão de expor ou não sua sexualidade dentro de seus espaços laborais, há divergência de relatos. Algumas demonstram livremente, outras se reservam mesmo em ambientes fora da empresa, para que isso não as afete dentro das mesmas. Foram relatados situações lesbofóbicas explícitas que comprometeram seu desempenho profissional. Uma das entrevistas foi demitida ao descobrirem sua sexualidade.

As espacialidades religiosas evocadas são, praticamente todas, as Igrejas Católicas, em que elas criticam a hipocrisia do discurso de amar e respeitar a todos, porém isso não se aplicando às lésbicas.

Sobre clínicas médicas, as entrevistadas compreendem a importância de profissionais na ginecologia, mas não costumam frequentá-lo. A justificativa mais comum para isso é de que esses profissionais não têm experiência e conhecimento da saúde sexual lésbica, insistindo para que elas tomem pílulas anticoncepcionais desnecessariamente, podendo chegar a não auxiliar nos protocolos de prevenção e detecção de doenças sexualmente transmissíveis, seja por desconhecimento, seja por motivações lesbofóbicas.

Conclusões

A presente iniciação científica evidenciou um panorama das espacialidades lesbofóbicas de Ponta Grossa, Paraná, nos permitindo perceber que todas as espacialidades da cidade tem, pelo menos, algum indício de lesbofobia.

A lesbofobia é a opressão interseccional que mulheres lésbicas sofrem, sendo muito presente na vivência socioespacial das mesmas. Essa forma de opressão dupla ocorre em praticamente todos os espaços da cidade focal, sendo a espacialidade mais segura a casa quando moram sós ou na casa de amigos. Da mesma forma, a lesbofobia se mostra diferente segundo a espacialidade e o período do dia.

Se a pessoa participa de debates de viés feminista, ela tende a ser menos conservadora e lesbofóbica, mas isso não as impede de ter atitudes lesbofóbicas, mesmo sem entender que é uma violência. Quem não discute feminismo é ainda mais lesbofóbico com gestos mais violentos.

A lesbofobia é percebida nessa cidade a partir de deslegitimação, invisibilização, fetichização, isolamento, discursos violentos e agressão física. Essa violência pode ser divida em dois extremos de uma nuance que são a violência simbólica e a violência extrema (como o estupro corretivo e lesbocídio).

Cada uma delas possui estratégias de como lidar com a sociedade lesbofóbica, pensando em expor – e se sim, como – ou não sua sexualidade, com a performance de gênero, com coletivos, discussões dentro e fora de sala de aula, movimentos sociais, etc.

Apesar do machismo e da homofobia que sofrem, elas gostam de ser lésbica e, se pudessem escolher, escolheriam manter a sexualidade, pois não se veem e não gostam da ideia de se relacionar romântica e sexualmente com homens. Elas preferem lidar com as estruturas opressivas que mudar de sexualidade.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a meu orientador e sub-orientadora por me guiarem com paciência nessa primeira iniciação científica, a Fundação Araucária pelo auxílio financeiro e, por fim, às mulheres lésbicas que cederam o tempo e compartilharam suas vivências para que eu pudesse concluir esta pesquisa.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. 11º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. 160 p.

LEONEL, V. Lesbofobia. In: VENTURI, Gustavo; BOKANY, Vilma. (Org.). **Diversidade sexual e homofobia no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011, p. 89 –96.

MASSEY, D. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos pagu**, v. 28, p. 19-54, 2007.

VALENTINE, G. (Hetero)Sexing Space: Lesbian Perceptions and Experiences of Everyday Spaces. **Environment and Planning D: Society and Space**, v. 11, p. 395 –413, 1993.)